

Museu de Alcântara





Museu de Alcântara

Do Cretáceo à Era Espacial

Presidente da República

Jair Bolsonaro

Ministério do Turismo

Gilson Machado Neto

Instituto Brasileiro de Museus

Pedro Machado Mastrobuono

Museu de Alcântara

Karina Waleska Scanavino Costa

Edição e Organização

Yuri Sampaio Capellato Logrado

Pesquisa e Textos

Karina Waleska Scanavino Costa

Maize Daniela Carvalho Resende

Liz Renata Lima Dias

Revisão

Yuri Sampaio Capellato Logrado

Liz Renata Lima Dias

Projeto Gráfico

Yuri Sampaio Capellato Logrado

Colaboração

Adolfo Samyn Nobre Oliveira

Dieully Viegas Costa

Hebert Sebastião Silva Rodrigues

Jacira dos Santos Pereira Costa

Maria Isabel dos Santos Barros

Rosilene Rodrigues Silva

Fotos e Imagens

Acervo digital do IPHAN

João Damasceno Figueiredo

Luanderson Costa

Raimundo Terezinho Boaes França

Yuri Sampaio Capellato Logrado

Flaticon.com

M986 Museu de Alcântara
Museu de Alcântara: do cretáceo à era espacial./
Museu de Alcântara; Liz Renata Lima Dias; Maize Daniela
Carvalho Resende; Karina Waleska Scanavino Costa. – Alcân-
tara, MA: Ibram, 2020.
36p.:il.;30 cm

1. Museu de Alcântara. 2. História do Brasil. I. Instituto Bra-
sileiro de Museus. II. Liz Renata Lima Dias. III Maize Daniela
Carvalho Resende. III. Karina Waleska Scanavino Costa. IV.
Título.

CDD 981

Ficha elaborada por Suelen Garcia Soares Vaz – Bibliotecária CRB-1 2530



Alcântara, MA
2020

Museu de Alcântara
Praça da Matriz, nº 07 e nº 15, Centro. CEP 65250-000.
Alcântara-MA
(98)3337-1515/ mcha@museus.gov.br / @museudealcantara



- 05 Apresentação
- 06 Novo Museu de Alcântara
- 08 Vivências Educativas e Culturais
- 09 Dinossauros em Alcântara
- 12 Tapuitapera
- 15 Cidade Monumento
- 18 Festas Populares
- 21 Quilombos
- 24 Centro de Lançamento de Alcântara
- 27 Museu Casa Histórica de Alcântara
- 30 Referências
- 31 Proposta Expositiva
- 33 Formulário de Consulta Pública

APRESENTAÇÃO

Aberto ao público desde 2004, o ano de 2020 marca o renascimento do Museu Casa Histórica de Alcântara, o qual passará a ser nomeado simplesmente de Museu de Alcântara.

Esta mudança refletirá a nova concepção da instituição que deixa de ser um museu casa com foco na família Guimarães (última proprietária do casarão), no mobiliário e objetos de uso cotidiano para uma abordagem mais ampla.

A nova expografia retratará diversos aspectos da região de Alcântara: dos dinossauros à era espacial, possibilitando aos visitantes conhecer os vários elementos que formam o patrimônio alcantareense e tornam este território tão especial.

KARINA WALESKA SCANAVINO COSTA
Diretora



Museu de Alcântara na Praça da Matriz, 2019. Foto: Yuri Logrado.

NOVO MUSEU DE ALCÂNTARA

A publicação *“Museu de Alcântara: do cretáceo à era espacial”* tem como objetivo apresentar a nova proposta temática do museu e convidar a comunidade em geral a participar do processo de construção das novas narrativas.

Além de contribuir com tais abordagens, o público pode participar de vivências educativas e culturais por meio de atividades e recursos didáticos oferecidos. Outra possibilidade é responder o formulário de consulta pública impresso ou digital para se inserir no processo de planejamento do museu.

A publicação provoca uma reflexão sobre as pluri-identidades de Alcântara, a partir do patrimônio paleontológico, arqueológico, etnográfico, sociológico, cultural e ambiental que formam o território alcantareense.

A memória local, revelada nos elementos materiais e imateriais que se estendem da sede às áreas rurais do município, é resgatada, difundida e valorizada, a partir de uma nova perspectiva expográfica que instiga o público na criação de novos futuros e na ressignificação do passado.



Oficina de crochê do Coletivo Linhas em 2019. Foto: Yuri Logrado.

VIVÊNCIAS EDUCATIVAS E CULTURAIS

Algumas atividades educativas e culturais são sugeridas para incentivar a curiosidade, a aprendizagem e a reflexão sobre os temas abordados. Conheça!



Visita escolar no Museu. Foto: Raimundo Terezinho Boaes França.

Caça Palavras “Musa”

Público: todos os públicos

Oficinas

Público: todos os públicos

Roda de Conversa “Musa”

Público: todos os públicos

Baú do Conhecimento “Alcântara entre foguetes e dinossauros”

Público: infantil e juvenil

Contaçon da história “O Segredo de Alcântara”

Público: todos os públicos

Cartilha de desenho e pintura

Público: infantil

Este catálogo pode ser utilizado como suporte para os educadores que desejam refletir e discutir sobre os temas do Museu de Alcântara. Para tanto, apresenta-os resumidamente e se propõe uma atividade de reflexão e diálogo por meio de questionamentos ao final de cada tema.

Para trabalhar de forma mais dinâmica as perguntas podem vir em cartões dentro de uma caixa. À medida que as pessoas retiram um cartão com a pergunta é realizado o diálogo.

Caso este material seja trabalhado em sala de aula, outra possibilidade é convidar os estudantes a realizarem pesquisas a partir dos questionamentos.

Para quem deseja conhecer mais os temas que serão abordados no Museu de Alcântara, são sugeridos alguns museus no Maranhão, livros, sites e filmes que tratam de cada temática.

Para maiores informações e agendamentos entre em contato com o museu pelo telefone (98) 3337-1515, email: mcha@museus.gov.br ou nossas redes sociais @museudealcantara.



Educativo no Museu. Foto: Raimundo Terezinho Boaes França.

DINOSSAUROS EM ALCÂNTARA

A paleontologia, ciência que estuda os vestígios de plantas e animais pré-históricos, revela a presença de fósseis de vegetais e animais que ocuparam o planeta há mais de 95 milhões de anos na região de Alcântara. As descobertas tiveram início na década de 1990 a partir de pesquisas no Vale do Itapecuru e na ilha do Cajual, em Alcântara, possibilitando conhecer um pouco sobre a pré-história no Maranhão.

A laje do Coringa na ilha do Cajual é uma das áreas que reúne a maior quantidade de fósseis de dinossauros no Brasil e atualmente “[...]é considerada a principal fonte de conhecimento sobre o período Cretáceo médio continental no Brasil”. (JORNAL IMPARCIAL, 2019).



Pegada de dinossauro encontrada em Alcântara, exposta no Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão. Foto: Yuri Logrado.

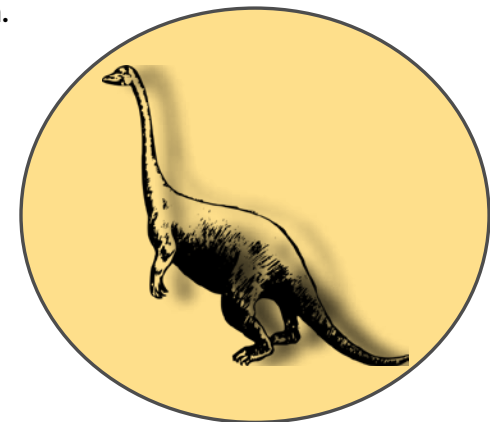
Pesquisas revelaram a presença de peixes gigantes (celacantos *Mawsonia*, lepidotes *Ceratodus* e *Asiatoceratodus*); tubarões (*Hybodontideos*); tartarugas (*Araripemys*); crocodilos (*Candidodo*); dinossauros carnívoros (*Spinosaurus*, *Carcharodontosaurus*); dinossauros herbívoros (*Titanossauro*), além de plantas como coníferas, esquisetos e samambaias gigantes (MEDEIROS, 2016).

Uma curiosidade é que fósseis de muitas dessas espécies encontradas na região de Alcântara também foram identificadas no norte da África, reforçando a teoria de que inicialmente os continentes americano e africano eram interligados no bloco Gondwana, separando-se posteriormente com a deriva continental.

Apesar da relevância e conhecimento gerado com esse patrimônio natural paleontológico, o mesmo é constantemente ameaçado por intervenções naturais e humanas.

Além disso, embora as pesquisas na região de Alcântara tenham se concentrado especialmente na ilha do Cajual, já foram encontrados fósseis em outros locais do município como na Praia da Baronesa e na Ilha do Livramento.

Sem dúvidas, há muito mais a ser revelado sobre a pré-história a partir dos fósseis a serem descobertos e estudados na região de Alcântara.



CAIXA DE PERGUNTAS



Qual a importância de encontrar fósseis de plantas e animais pré-históricos em Alcântara?

Alcântara se reconhece como um relevante sítio paleontológico?

O que deve ser feito ao se encontrar uma pegada ou fóssil de um dinossauro?

Quais as principais ameaças ao patrimônio paleontológico existente em Alcântara?

Quais espécies de plantas e animais pré-históricos já foram encontrados em Alcântara?

PARA SABER MAIS...



Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão. Rua do Giz, 59, Praia Grande. São Luís-MA.



O guia completo dos dinossauros do Brasil. Autoria: Luiz E. Anelli. Editora Peirópolis. Ano 2016.



Jurassic World.
Jurassic Park.
Criando o gigante dos Dinossauros.

Povos Indígenas

TAPUITAPERA

O conhecimento sobre os primeiros grupos humanos que viviam na região de Alcântara pode ser obtido por meio de estudos arqueológicos, que buscam conhecer sociedades antigas a partir de vestígios materiais.

Apesar da exigência de pesquisas arqueológicas antes de intervenções urbanísticas na cidade de Alcântara, poucas foram realizadas e atualmente são reconhecidos apenas 3 sítios arqueológicos em Alcântara denominados Alcântara, Pepital e Peru.

Diante desta limitação, as informações sobre as populações humanas presentes na região antes da chegada dos europeus foram obtidas principalmente através de cartas e documentos dos primeiros franceses que chegaram na região.

Sabe-se que Alcântara era habitada inicialmente por milhares de indígenas tupinambás, pertencentes ao grupamento tupi que ocupava a costa brasileira entre Amazonas e São Paulo.

A atual região de Alcântara era nomeada de Tapuitapera, indicando a presença de tapuias – nomeação dada pelos tupis para os indígenas que falavam outra língua. Tapuitapera significa antiga morada dos tapuias ou cabelos compridos. (D'Abbeville, 1874).

Relatos indicam ainda que em Tapuitapera havia em torno de 15 a 20 aldeias dos tupinambás e que desenvolviam atividades de pesca e cultivo como batata e mandioca

Outra curiosidade é que os tupinambás costumavam furar os beiços, dançar, escravizar adversários capturados nas guerras e comer carne humana de inimigos mortos em cerimônias e rituais. (D'Abbeville, 1874).

Foi estabelecida uma aliança entre os tupinambás e os

franceses que chegaram em Tapuitapera, mas os indígenas foram dizimados pelas guerras, escravização e epidemias que assolaram a região com a presença dos povos europeus.

Hoje pouco se faz referência em Alcântara aos seus primeiros habitantes, especialmente pela carência de informações. Contudo, é notória a herança deixada pelos indígenas no conhecimento fitoterápico, influências na alimentação, nos usos e costumes, além da nomeação de vários povoados da região.

Destaca-se, também, que o Maranhão é um dos estados do país com a maior concentração de terras indígenas, mas esses povos são constantemente ameaçados por madeireiros, fazendeiros, entre outros grupos.



Criança do Povo Krikati, Guajajara artesã, Festa dos Rapazes, Povo Guajajara.
Foto: João Damasceno Figueiredo.



CAIXA DE PERGUNTAS

Existem traços da presença indígena em Alcântara?

Por que grande parte da sociedade não se identifica com os primeiros habitantes das terras brasileiras/maranhenses/alcantarenses?

Quantos e quais grupos indígenas ainda existem no Maranhão?

O conhecimento histórico, a legislação atual e os organismos atuais garantem a proteção e o respeito em relação às sociedades indígenas no país?

Quais as ameaças aos povos indígenas no Maranhão atualmente?

PARA SABER MAIS...



Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão. Rua do Giz, 59, Praia Grande. São Luís-MA.



Os índios do Maranhão: o Maranhão dos índios.
Autoria: Associação Carlo Ubiali e Instituto Ekos. São Luís, 2004.



Terra dos índios.
Estratégia Xavante.
Como era gostoso o meu francês.

A FORMAÇÃO DE ALCÂNTARA

Os franceses chegaram em Tapuitapera no início do século XVII por meio da expedição de Daniel de La Touche, senhor de La Ravardiere, infiltrando-se nas terras indígenas e estabelecendo relações amigáveis com os índios tupinambás.

Em 1615 os portugueses promoveram uma guerra de reconquista, da qual saíram vitoriosos, retomando o domínio das terras e massacrando os povos Tupinambás.

A consequência foi o desmantelamento da antiga Tapuitapera, que teve suas terras doadas ao português Jerônimo de Albuquerque, originando a Capitania de Cumã e tendo por capital o arraial de São Matias de Tapuitapera.

No ano de 1648, período caracterizado pela elevação da produção agrícola e pela instalação dos primeiros engenhos de açúcar, São Matias é elevada a vila Santo Antônio de Alcântara, que segundo Lima (1988), trata-se de uma homenagem do então proprietário ao desembargador Antônio Coelho de Carvalho, à Quinta de Alcântara em Portugal.

A criação da Companhia de Comércio do Grão Pará e Maranhão, em 1756, pelo Marques de Pombal repercute na Vila de Alcântara com a entrada massiva de africanos escravizados e a formação de uma economia agroexportadora.

O resultado é a configuração da cidade como um importante ponto de produção e entreposto comercial, o que levou o Centro Histórico de Alcântara a tomar, aproximadamente, a forma que hoje conhecemos, com imponentes sobrados e Igrejas.

Com o fim da Companhia, da escravidão e a concorrência dos produtos agrícolas de outros países, Alcântara sai do cenário agroexportador e passa para uma economia de subsistência e



Praça da Matriz. Foto encontrada no cartório de Alcântara, autoria desconhecida.

comércio local.

A partir de então ocorre também a formação do território quilombola de Alcântara, à medida em que os ex-escravizados passam a ter autonomia e o domínio sobre a terra.

A elevação à categoria de cidade ocorreu em 1836 e no ano de 1948 o conjunto arquitetônico e urbanístico de Alcântara foi tombado pelo IPHAN, recebendo o título de Cidade Monumento Nacional.

Em 2004, o Iphan passou a considerar o patrimônio de Alcântara como de valor cultural, histórico, artístico, paisagístico, urbano e arqueológico.

CAIXA DE PERGUNTAS



Qual era o interesse dos portugueses e franceses na região de Alcântara?

Como se deu o processo de ocupação e colonização de Alcântara?

Qual a importância de Alcântara ser reconhecida como patrimônio nacional?

Valorizar o patrimônio alcantareense herdado dos colonizadores não é contraditório, já que a sua existência foi às custas da exploração e escravidão?

O que merece ser reconhecido como patrimônio em Alcântara?

PARA SABER MAIS...



Museu Histórico de Alcântara. Praça Gomes de Castro. Centro. Alcântara-MA.



Redes e Ruínas: o apogeu e declínio de uma cidade - o caso de Alcântara. Autoria: Grete Soares Pflueger. Rio de Janeiro: UFRJ/ PROUB, 2011.



Alcântara – expedições.

CELEBRAÇÕES E RITUAIS

As influências indígenas, africanas e europeias no território alcantareense podem ser observadas também nas diversas manifestações culturais, destacando-se as festas ou festejos de santo que se estendem da sede aos povoados.

Embora cada celebração apresente as próprias particularidades e rituais específicos, nota-se que a maioria é de origem religiosa, associados a santos da igreja católica. Ao longo do tempo as comunidades agregaram a essas festividades religiosas outros elementos como a dança, estilos musicais diversificados e manifestações como o reggae.

Na sede de Alcântara as celebrações mais representativas são o festejo do Divino Espírito Santo e de São Benedito. O primeiro é de origem europeia e chegou ao Brasil por volta do século XVII. Ocorre geralmente no mês de maio, no período de pentecoste, e celebra o Divino Espírito Santo por meio de vários rituais, destacando-se cortejos representativos da corte europeia em séculos passados. A festa tem duração de 12 dias.

Já o festejo de São Benedito também remonta o período colonial, mas é de origem africana. Não há uma data fixa para acontecer, mas é sempre no segundo semestre do ano de acordo com a lua cheia. A festividade, na sede do município, ocorre no largo da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e tem duração de 4 dias. O festejo também ocorre em algumas comunidades de Alcântara. Uma característica marcante é a presença do tambor de crioula, cuja manifestação reúne mulheres dançando em roda ao som de tambores denominado parrelha. O festejo é em celebração a São Benedito, padroeiro dos negros.



CAIXA DE PERGUNTAS

Quais as festas mais representativas na área dos povoados de Alcântara?

Há celebrações em Alcântara ameaçadas de desaparecer? Quais e por quê?

Por que a Festa do Divino e o festejo de São Benedito são as celebrações mais divulgadas fora de Alcântara?

O carnaval e o São João são festas de valor cultural para a população alcantareense?

O reggae é uma manifestação local?

PARA SABER MAIS...



Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho. Rua do Giz, nº221, Praia Grande. São Luís-MA.



FERRETI, Sérgio. Estudos sobre Festas Religiosas e Populares. In Amazônia: desenvolvimento, meio ambiente e diversidade sociocultural. São Luís: EDUFMA, 2009.

Lima, Carlos. Festa do Divino Espírito Santo do Maranhão. Brasília: Ministério da Cultura, 1988.



Divino Artista- Antônio de Coló.
O Divino em mim.
Coreiras.



Festa do Divino, Alcântara, 2018. Festejo de Santa Tereza D'ávila, Itamatatua, 2020. Festejo de São Benedito, Alcântara, 2019. Fotos: Yuri Logrado e Luanderson Costa.

Além de São Benedito, nos povoados quilombolas outras festividades ganham notoriedade como São Sebastião, Santa Tereza, Nossa Senhora da Conceição, entre outras não menos representativas da cultura local.

Algumas danças regionais que integram essas festividades, como a dança do coco, forró de caixa e a dança do negro estão ameaçadas de desaparecer, sendo um dos maiores desafios na preservação desse patrimônio a participação e valorização das novas gerações.

ALCÂNTARA QUILOMBOLA

A entrada massiva de africanos escravizados em Alcântara, especialmente a partir da segunda metade do século XVIII, foi determinante na configuração econômica, social e cultural da cidade. Além disso, uma marca significativa deixada na história de Alcântara se revela principalmente na luta pela sobrevivência.

No passado as batalhas eram em torno da liberdade à submissão forçada de trabalho imposta pelos europeus. Já na atualidade os quilombos de Alcântara lutam pelo reconhecimento do direito à posse dos seus territórios centenários ameaçados pela implantação e ampliação de uma base espacial.

Existe uma ampla discussão conceitual a respeito do termo quilombo. Ressalta-se, contudo, a concepção de resistência associada ao termo, a partir da visão de alguns autores como Munanga (1996). Ele explica que o termo quilombo tem origem nos povos de língua bantu e no Brasil “é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstituído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontravam todos os oprimidos”. (MUNANGA, 1996, p.63).

Em Alcântara, a perspectiva quilombola está diretamente associada ao território. Com a decadência da economia agroexportadora e o abandono das fazendas de arroz, algodão e cana de açúcar nos séculos XVIII e XIX, os grupos escravizados assumiram esses espaços, os quais atualmente são divididos em terras de preto, terras de caboclos e terras de santo (ALMEIDA, 2006).

Esta divisão segue as especificidades dos territórios que passam a ser baseados em “[...]unidades familiares organizadas



Associação de Pescadores e Arrastadores de Camarão de Ponta de Areia e Farinhada em Santa Maria, 2019. Foto: Yuri Logrado

e práticas centenárias de uso comum”, formando verdadeiros territórios étnicos (ALMEIDA, p.32, 2006).

Em decorrência da instalação de uma base espacial em Alcântara foi instituído o decreto estadual 7.320 de 1980 e o decreto federal de 8 de agosto de 1991, que desapropriaram 62.000ha de área quilombola. A partir de então, 312 famílias de 32 comunidades tiveram que deixar seus territórios seculares e se deslocar para novos espaços, denominados de agrovilas. O resultado foi a geração de problemas socioeconômicos e a formação de territórios de pobreza. Com uma nova proposta de ampliação da base espacial é prevista a desapropriação de outros territórios quilombolas, reacendendo debates e conflitos na região.

Alcântara possui atualmente 204 comunidades quilombolas reconhecidas. A maioria vive de atividades de cultivo, criação de animais e pesca.



CAIXA DE PERGUNTAS

Como ocorreu o processo de formação das comunidades quilombolas de Alcântara?

O que caracteriza as terras de preto, terras de caboclos e terras de santo em Alcântara?

Quais as dificuldades que as comunidades quilombolas enfrentam?

Qual a importância dessas comunidades para o município de Alcântara?

Como está a situação atualmente das comunidades remanejadas?

PARA SABER MAIS...



Centro de Saberes Quilombola Mãe Anica. Povoado de Canelatiua. Alcântara-MA.



ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara. Brasília: edições IBAMA, 2006.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os quilombolas e as novas etnias. Manaus: UEA edições, 2011.



Terras de quilombo: uma dívida histórica. Céu sem eternidade.

CENTRO DE LANÇAMENTO DE ALCÂNTARA

Na década de 1960 no governo de Jânio Quadros ocorreram as primeiras iniciativas para a criação de um programa espacial brasileiro, sendo que em 1970 surgiu a Comissão Brasileira de Atividades Espaciais e em 1979 a Missão Espacial Completa Brasileira-MECB com o intuito de criar, controlar e operar todo o programa espacial nacionalmente. Até 1994 o programa espacial brasileiro era controlado pelas forças militares, sendo neste ano transferido para o controle civil por meio da criação da Agência Espacial Brasileira-AEB. (BRASIL, 2020).

Esta coordena as duas bases de lançamento de foguetes no Brasil: o Centro de Lançamento da Barreira do Inferno (CLBI) no Rio Grande do Norte e o Centro de Lançamento de Alcântara (CLA).

O CLA surgiu em 1983, porém lançou os primeiros foguetes somente em 1989, sendo estes do tipo SBAT, ou seja, foguetes não guiados do Sistema Balístico Ar Terra. Posteriormente, o VLS (veículo lançador de satélites) passou a ser o principal foco do CLA, mas em decorrência dos fracassos no lançamento, incluindo a explosão do VLS-3 em 2003 que matou 21 técnicos, os investimentos se voltaram para o VLM (veículo lançador de microssatélites).

A maior parte desses lançamentos tem como objetivo a pesquisa para o desenvolvimento de tecnologias e desde a sua criação mais de 480 veículos espaciais foram lançados do CLA.

A escolha de Alcântara para sediar uma base espacial deu-se em função das condições climáticas; proximidade com a linha do equador, possibilitando a economia de combustível; disposição do território, possibilitando lançamentos em todos



Plataforma de lançamento do CLA. Foto: Alliance / DPA / DPAWeb

os tipos de órbita e a grande faixa marítima no entorno que garante maior segurança nos lançamentos. Tais características a tornam uma das bases espaciais de melhor localização no mundo, gerando interesse de vários países na sua utilização.

Em 2019 foi aprovado o Acordo de Salvaguardas Tecnológicas, possibilitando o uso comercial da base de lançamentos por empresas estrangeiras. Por conta da nova função, o CLA passou a ser denominado de Centro Espacial de Alcântara-CEA. (BRASIL, 2020).

Atualmente se discute a expansão da base de 8.000 hectares para 12.000 hectares e a implementação de um plano de desenvolvimento do Centro Espacial de Alcântara.



CAIXA DE PERGUNTAS

Qual a importância de um centro de lançamento aeroespacial como o de Alcântara?

Quais as atividades desenvolvidas pelo CLA?

Quais os pontos positivos e negativos gerados com a instalação do Centro de Lançamento de Alcântara?

Por que existem 2 bases de lançamento de foguetes no Brasil, já que ambas pertencem a AEB?

Quais os riscos envolvidos com a presença de uma base aeroespacial para a população local?

PARA SABER MAIS...



Casa de Cultura Aeroespacial. Praça Nossa Senhora do Rosário. Alcântara-MA.



SILVA, Bernardino Coelho. Desafios de Ícaro: a história da pesquisa e exploração espacial no Brasil.



Interestelar
Perdido em Marte
Gravidade

MUSEU CASA HISTÓRICA DE ALCÂNTARA

Os sobrados nº 07 e nº 15 da praça Matriz foram construídos entre o final do século XVIII e início do século XIX a partir de pedra e cal, seguindo o modelo de arquitetura portuguesa da época. Os primeiros proprietários do casarão pertenciam à família Viveiros, cuja descendência era portuguesa, em um contexto monárquico e escravocrata da época. Já em meados do século XIX, com a abolição da escravatura e advento do período republicano a família Guimarães formada por comerciantes locais adquire o casarão.

Na área do térreo do sobrado funcionavam atividades comerciais como a botica, produção e venda de medicamentos, sendo presentes ainda hoje no museu utensílios de preparação e frascos. Destaca-se também a alfaiataria, uma das principais atividades desenvolvidas no casarão pelo chefe da família Antonino Guimarães e retratada nas máquinas de costura, psichê, cômodas e cabideiros que hoje compõem o acervo do museu.

Já a área superior do sobrado era o espaço da residência. A partir dos objetos é possível conhecer alguns aspectos inerentes ao contexto social do período.

Na década de 80 o último morador do sobrado, Sr. Heidimar Guimarães, deixou o casarão por medida de desapropriação do governo federal e em 2004 foi aberto o Museu Casa Histórica de Alcântara, buscando retratar uma casa de época. O conflito de retratar uma residência do século XIX a partir de uma mistura de objetos do século XVIII ao século XX, cujas origens ainda são discutidas, levaram a direção do museu a repensar e resgatar a ideia de um museu sobre a cidade - um Museu de Alcântara.

I Encontro Nacional de Educadorxs e Pesquisadorxs da Fotografia e do Cinema, Oficina Ghuga Távora, NUPPI, 2019. Foto: Yuri Logrado





CAIXA DE PERGUNTAS

O que o Museu de Alcântara passa a oferecer que não contemplava no Museu Casa?

Que medicamentos eram utilizados na botica e são populares ainda hoje em Alcântara?

Que tipo de conhecimento pode ser obtido a partir de objetos e mobiliários?

Quais os tipos de residência em Alcântara, além dos sobrados?

Quais as mudanças de hábitos ligados à alimentação e higiene que podemos identificar do passado aos dias atuais?

PARA SABER MAIS...



Museu Histórico de Alcântara, Praça da Matriz, Alcântara, Maranhão.



ALMEIDA, Adroaldo José Silva; BOGÉA, Kátia Santos; BRITO, Stella Regina Soares. Museu Casa Histórica de Alcântara. São Luís: IPHAN, 2006.



Conhecendo Museus: Museu Casa Histórica de Alcântara. TV Brasil/EBC. 2012.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara. Brasília: edições IBAMA, 2006.

BRASIL. Força Aérea Brasileira. Centro de Lançamento de Alcântara. História do CLA. Disponível em: <https://www2.fab.mil.br/cla/index.php/historias>htm>. Acesso em 2 de setembro de 2020.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Comissão vai propor plano de desenvolvimento do Centro Espacial de Alcântara e região. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br>htm>. Acesso em: 31 de agosto de 2020.

D'ABEVILLE, Claude. A História da missão dos padres capuchinos na ilha do Maranhão. Maranhão, 1874.

LIMA, Carlos de. A Festa do Divino Espírito Santo: Maranhão. 2ª ed. Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória/ Grupo de Trabalho de Alcântara, 1988.

MEDEIROS, Manuel Alfredo. Os gigantes da pré-história maranhense. Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão. São Luís, 2016.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do Quilombo na África. In: Revista USP, n. 28, São Paulo, 1996.

Nova espécie de dinossauro é encontrada no Maranhão. Jornal Imparcial, São Luís, 23 de agosto de 2019.

PAVIMENTO SUPERIOR



ESC: 1/125




Projeto Museográfico
 Memorial Descritivo
 Análise de Fluxo





Pesquisa de sondagem para elaboração da nova exposição do Museu de Alcântara. Convidamos você a colaborar no processo de reformulação da exposição do Museu de Alcântara por meio do preenchimento deste formulário. Estamos à disposição para qualquer esclarecimento no e-mail mcha@museus.gov.br ou em nossas redes sociais @museudealcantara. Agradecemos sua disponibilidade!

*Obrigatório

1. Endereço de e-mail *
2. Nome social (como você deseja ser identificado) *
3. Contato (telefone/celular ou rede social)

4. Local de origem *
5. Ocupação
6. Nível de Escolaridade *
7. Faixa etária *
8. Sexo/Gênero
9. Se você pudesse montar seu próprio Museu, o que você colocaria nele? Use a imaginação:
10. Quem ou o quê deveria estar presente no Museu de Alcântara?
11. Você já visitou o Museu de Alcântara/ Casa Histórica?
12. Se você já visitou, qual sua avaliação geral sobre o Museu?
13. Qual tema lhe desperta maior interesse? *
14. Qual a sua opinião sobre os temas que serão abordados no museu? *
15. Sobre os temas apresentados, você teria alguma consideração a fazer?
16. Além da Festa do Divino e do Festejo de São Benedito, quais outras festas populares você considera representativas de Alcântara?
17. Quais comunidades quilombolas de Alcântara você gostaria que fossem representadas no museu?
18. Que curiosidade você tem sobre o Centro Espacial de Alcântara?
19. Caso tenha mais alguma consideração, crítica ou sugestão em relação ao Museu, aos novos temas que serão abordados, aos serviços que serão oferecidos ou ao processo de ampliação e reforma deixe seu comentário.

Caso deseje, responda a versão on line do formulário disponível no nosso site <https://museucasahistoricadealcantara.museus.gov.br/> e em nossas redes sociais @museudealcantara.

